

***Flauteando e Criando:***

**experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música**

**Luciane Cuervo**

Departamento de Música, UFRGS

luciane.cuervo@ufrgs.br

**Juliana Pedrini**

Colégio de Aplicação, UFRGS

juliana.pedrini@ufrgs.br

**Resumo:** Este trabalho apresenta e discute atividades propostas da área de Educação Musical no contexto da Educação Básica, pública e privada. As autoras, num trabalho colaborativo de concepção e aplicação dessas atividades, apresentam ideias experienciadas na aula de música como disciplina curricular, focando na utilização da flauta doce como instrumento que desenvolve a musicalidade e que fomenta a atividade criativa e a interação afetiva em sala de aula. O texto aborda uma breve fundamentação sobre o conceito de criatividade, passando para a discussão contemporânea sobre musicalidade, discutindo convergências e divergências sobre a presença da flauta doce na Educação Musical.

**Palavras-chave:** criatividade; flauta doce; educação musical.

***Playing flute and creating:***

**experiences and reflections about creativity in music class**

**Abstract:** This paper presents and discusses activities proposed in the context of basic education in two schools, one public and one private. The authors, in a collaborative work of conception and implementation of these activities, presents ideas lived at music classes like curricular activity, specially with focus in the use of the recorder as an instrument that develops musicianship and foments creative activity. The text gives a brief rationale for the concept of creativity, moving to the contemporary discussion about education and sound and about agreements and disagreements about the presence of the recorder in music education.

**Keywords:** creativity; recorder; music education.

## Criatividade e Musicalidade

Os estudos e as práticas em educação musical vêm trilhando novos e desafiadores caminhos. Sem desprezar trabalhos consolidados do passado, mas buscando romper com antigos paradigmas da nossa formação, procuramos valorizar novos princípios em educação musical, permeados pela ludicidade, autonomia, criatividade e sensibilidade frente à diversidade cultural que encontramos no contexto de atuação.

Este texto apresenta idéias e experiências desenvolvidas em diferentes contextos educacionais públicos e privados, direcionadas à Educação Básica. As propostas escolhidas para discussão neste espaço advêm de atividades que envolveram a flauta doce na aula de música sob o enfoque da criatividade em turmas de crianças de 6 a 10 anos de idade, alunos de 1º a 3º anos do Ensino Fundamental.



Falar em *criatividade* implica refletir sobre um conceito amplo, que por muito tempo esteve ligado a um dom, não a uma “coisa que se aprende”, assim como *musicalidade* numa visão romântica ou conservatorial (CUERVO, 2009). Como explica Beineike (2003a), em oposição à essa concepção, surgiram propostas na década de 70 que buscavam alternativas frente ao ensino convencional de música, defendendo aprendizagem pela descoberta, que também pode ser criticada quando não apresenta um direcionamento claro, sem aprofundar fases posteriores à exploratória.

Criatividade pode ser definida como a capacidade de inventar, criar, inovar. “Podemos pensá-la, também, como a capacidade para elaborar e compreender um conjunto de significados, seja por meio de conhecimento formal ou intuitivo” (CUERVO, 2009, p. 146).

A tendência contemporânea para a experiência criativa na aula de música prioriza o desenvolvimento do aluno (o processo) e não o valor do resultado somente (produto), como explica Beineke (2003).

Essa realidade também acaba sendo conduzida em função dos compromissos extra-musicais gerada nos contextos educacionais, especialmente nas escolas, onde apresentações musicais muitas vezes são utilizadas como forma de divulgação da instituição, bem como entretenimento em datas comemorativas diversas. Supomos que um caminho gratificante seja aliar esses papéis que a educação musical assume no contexto escolar: proporcionar a construção de um processo de desenvolvimento musical rico em termos de experiências e reflexões, sem deixar de atender às expectativas da comunidade escolar.

As atividades de criação, execução, apreciação e o estudo teórico (incluindo aí também informações sobre as músicas e contexto sócio-histórico) estão intimamente ligadas em abordagens que visam a um desenvolvimento global do aluno. Fundamentalmente, procuramos motivar a construção de uma postura autônoma e crítica no aluno, no sentido de interação e conscientização sobre os processos de desenvolvimento musical e a trajetória criativa de cada um.

Ao longo das últimas décadas do século XX, constatou-se a ênfase das atividades musicais especialmente em duas diretrizes: o ensino pela execução incansável e repetitiva de um repertório pré-determinado pelo professor, ou um ensino prioritariamente teórico como pré-requisito obrigatório para a musicalização. Acreditamos que ambas as abordagens podem ser questionadas, o que já foi feito por consolidados trabalhos (veja Swanwick, 2003; Hallam, 2005; França 2003). Frega (1997, p. 116), ao analisar os princípios metodológicos de Schafer, apresenta uma frase provocadora do educador:

*“Quem inventou que o entusiasmado descobrimento da música preceda a habilidade musical de tocar um instrumento ou ler notas?”*

Assim, defendemos a aula de música como um ambiente de desenvolvimento da musicalidade na performance, num sentido mais amplo do que normalmente é empregado, em afinidade com o pensamento de Sloboda (2008), o qual compreende que a performance abarca os diversos comportamentos musicais manifestos.

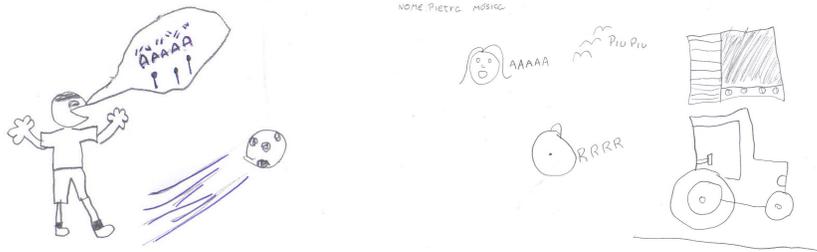
Uma ação que permeia toda a nossa abordagem metodológica é a percepção: a escuta dos sons do ambiente escolar, a escuta dos sons da nossa casa, da rua, enfim. Os alunos podem ser levados a concentrar a escuta para um determinado ambiente, durante um determinado período de tempo, para então registrar esses sons ouvidos através de desenhos ou descrições, conforme exemplos a seguir.

#### Atividade 1: Paisagem Sonora

Proposta: Após a escuta dos sons da sala de aula, por 5 a 10 minutos, registrar, os sons que foram ouvidos (o aluno pode escolher o tipo de registro: através de desenhos, gráficos ou palavras).

Objetivo: Propiciar que o aluno foque sua atenção apenas para o sentido da audição, tentando filtrar os diferentes sons do ambiente.

Imagens:



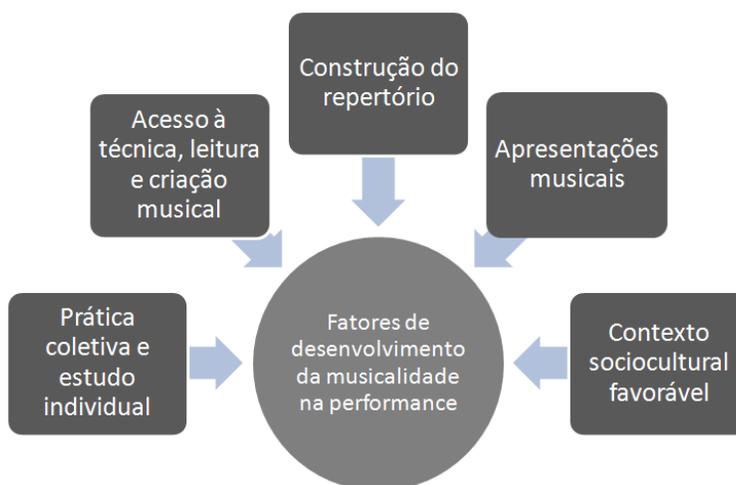
Relato da profe:

Narita e Azevedo (2008) constataram em seu campo de pesquisa que um desenvolvimento musical cíclico que englobe o experimentar, criar, escutar e executar levou à criação de arranjos com a participação ativa das crianças, processo no qual elas inferiam na estrutura e a forma musical, na seleção de instrumentos musicais e na interpretação e expressividade da música.

O desenvolvimento da musicalidade na performance é um processo complexo e dinâmico, portanto, que pode ser sintetizado na capacidade de *geração de sentido através do fazer musical expressivo*. Como refletem Cuervo e Maffioletti (2009, p. 42):

*“O desenvolvimento da musicalidade na performance é marcado pela capacidade crescente de coordenar diversos elementos que fazem parte do contexto do fazer musical.”*

Cuervo (2009) defende que o desenvolvimento da musicalidade está relacionado diversos fatores:



Fluxograma 1 - fatores que influenciam o desenvolvimento musicalidade.

Utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las.

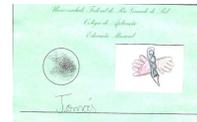
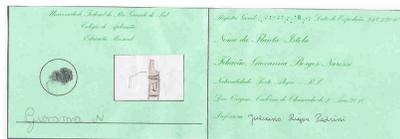
Temos proposto atividades lúdicas e exploratórias de introdução ao instrumento em sala de aula: o aluno é levado a conhecer a sua forma, e a construir uma relação afetuosa com a flauta doce.

### Atividade 2: Uma identidade para a minha flauta doce!

Proposta: Explorar a flauta doce: desmontar, ver, sentir, tocar. Dar um nome para sua flauta, “batizá-la” e elaborar um documento de identidade para ela.

Objetivo: Estimular que se crie um vínculo de cuidado com a flauta doce.

Imagens:



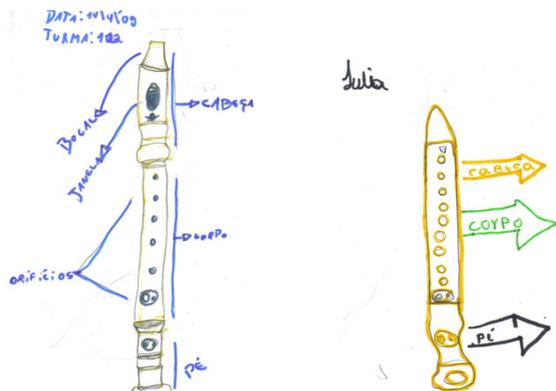
Relato da profe: “Os alunos se divertiram com a possibilidade de desmontar o instrumento e produzir som com cada parte dele. Ao remontarem a flauta, foi solicitado que tentassem tapar todos os orifícios e orientados até que a posição ficasse como é a convencional, refletindo sobre o “furinho torto”. Foi solicitado que inventassem um nome para flauta, já que a partir daquele momento, ela faria parte da vida deles por muito tempo”.

### Atividade 3: Conhecendo minha flauta

Proposta: Desenhar a sua flauta doce, procurando identificar suas partes principais.

Objetivo: Oportunizar um momento de aproximação com o instrumento.

Imagens:



Relato da profe:

### **Críticas às críticas infundadas**

Compreendemos a flauta doce como um instrumento rico em seu potencial artístico e didático, não se restringindo somente a um instrumento que “leva a outro”, que introduz o aluno ao “mundo da música” até que se aprenda um “instrumento de verdade” (CUERVO, 2009).

Cuervo (2009, p. 23) acredita que a educação musical no Brasil “poderia abordar, de forma mais ampla e engajada, a potencialidade da flauta doce como instrumento musical, conectando seus valores didático, artístico e estético”. Essa convicção é balizada “à medida que refletimos sobre os estereótipos que a flauta doce carrega em sala de aula, entre estudantes e professores de música, como um instrumento limitado de capacidade expressiva e possuidor de sonoridade pobre”.

Em uma das raras pesquisas realizadas sobre a flauta doce no meio acadêmico, Stori (2008) analisou as concepções sobre a flauta doce de estudantes universitários iniciantes no estudo do instrumento. A pesquisadora constatou desconhecimento geral sobre diversidade de repertório, recursos técnicos e pedagógicos entre os alunos, além de apontar a existência de forte resistência em relação ao instrumento por parte deles, quadro que modificou-se à medida em que passaram a estudar o instrumento.

É lamentável a incoerência de argumentos de educadores que prejudicam a imagem da flauta doce, como sintetiza a visão limitada de uma integrante de um projeto:

Josiane diz nunca ter imaginado utilizá-la, por achar um instrumento muito chato de se ouvir, principalmente quando mal tocado. Mas por outro lado, pondera afirmando que é positivo quantitativamente comparando-se a uma iniciação musical por meio do violino ou do piano, por exemplo. Completa dizendo que apesar de ser um instrumento limitado, por não ter amplos recursos de dinâmica e não abarcar muitos estilos de época da história da música, a flauta doce é um instrumento conciliador e facilitador no ensino musical, por poder ter mais crianças fazendo música, e estas crianças agregando outras etc. (SILVA, 2009, p. 29).

As concepções de Josiane demonstram enorme desconhecimento acerca das possibilidades que a flauta doce oferece, e notável preconceito

com o instrumento, apesar de ser utilizado em seu projeto e de dever parte do sucesso do trabalho – e seu conseqüente financiamento – à flauta doce.

Em contrapartida, temos constatado o uso da flauta doce nos mais variados projetos, de ensino curricular e extra-classe, público e privado, dentro e fora da escola. Parece-nos que boa parte dos educadores musicais brasileiros finalmente está despertando para o valor da flauta doce como instrumento musicalizador, que possui também potencial artístico e expressivo.

A flauta doce é o instrumento que possui a onda sonora de freqüência mais próxima à onda senóide, ou seja, a onda pura. Advém daí as históricas associações de seu som doce ao próprio nome, que em vários idiomas está diretamente relacionado à sua sonoridade, “doce”, ou ao cantar dos pássaros.

Cuervo (2009) realizou uma pesquisa sobre musicalidade na performance com a flauta doce, elencando alguns dos principais motivos que justificam a presença da flauta doce em propostas de educação musical. São eles:

- ✓ Permite uma fácil iniciação técnica de execução e memorização;
- ✓ Possui modelos e manutenção acessíveis financeiramente;
- ✓ Pode ser facilmente empregado junto a outros instrumentos, tornando-se mais uma ferramenta para a aula de música, além de possibilitar a integração discente e prática coletiva através da formação de conjuntos instrumentais (BEINEKE, 2003b);
- ✓ Possibilita o acesso a diferentes culturas, períodos históricos e gêneros musicais;
- ✓ Reúne repertório de elevado valor artístico, produzido por compositores de renome e interpretado por executantes de alto nível técnico-musical, o que também pode ser explorado na apreciação musical.

Acreditamos que os argumentos em favor da flauta doce na educação musical e nas práticas musicais em geral não se esgotam nesse espaço. Mas

convictas que somos da riqueza de possibilidades, seguiremos em frente com nossas reflexões e relatos sobre práticas propostas em sala de aula.

### **Criação, notação, invenção!**

Entendemos que a escrita não convencional, seja ela gráfica, por roteiro e analógica em geral (por analogias a outros objetos, por exemplo desenhar um despertador ao ouvir uma sequência de sons agudos na flauta doce), devem permear todo o processo de desenvolvimento musical, assim como o repertório contemporâneo. Não vemos esses recursos ampliados como um meio de chegar à escrita convencional pentagramática (pauta tradicional), tampouco como um estágio evolutivo anterior ou posterior.

Atividade 4: Apreciação de música desconhecida do grupo.

Proposta: Audição do CD Sonetos de Amor e Morte. Conversa sobre a “música estranha”. Tentativa de leitura de símbolos criados pela professora no quadro.

Objetivo: Ampliar o repertório conhecido pelos alunos. Apresentar sons não-convencionais e música contemporânea para o instrumento.

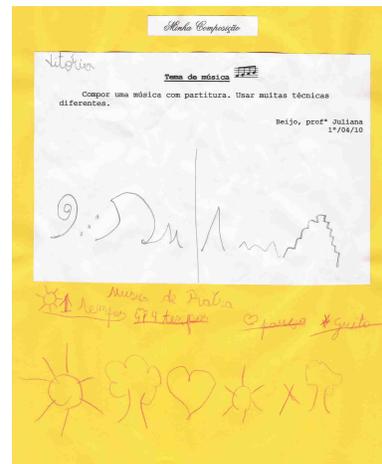
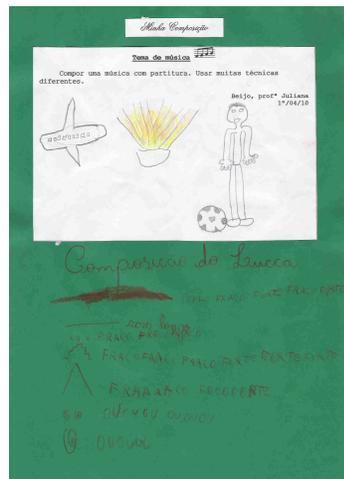
Relato da profe: *“Os alunos ficaram muito interessados com o nome do CD, com o fato de os compositores ainda estarem vivos, adoraram experimentar a imitação. Foi proposto que desenhassem no quadro como achavam que era escrito alguns sons ouvidos, acharam impossível. Desenhei e solicitei que tentassem criar sons para os símbolos criados. Aos poucos foram se encorajando. O tema foi criar novos desenhos e músicas.”*

### Atividade 5: Composição com a flauta doce

Proposta: Trocar as partituras realizadas em casa para ser executada por outros colegas. Cada “compositor” precisava tocar a música de outro colega. Assim, cada um teria a sua música e a de mais um colega.

Objetivo: Possibilitar a exploração mais consciente dos sons da flauta.  
Experienciar a importância do registro.

Imagens:



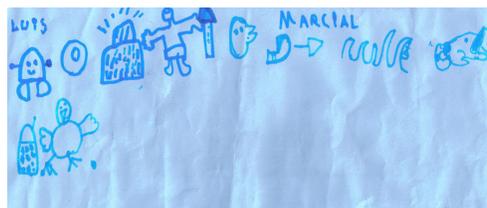
Relato da profe: “Após tocarem as peças compostas, as partituras foram trocadas. Os alunos tiveram dificuldade de entender o que os colegas queriam dizer com suas anotações. Aos poucos, os “compositores” foram deixando suas partituras mais detalhadas para que os colegas entendessem o que realmente desejavam”.

### Atividade 6: Registrando a composição

Proposta: Após desmontar o instrumento, explorar sons da cabeça da flauta doce.  
Organizar os sons que mais gostares para a criação de uma peça curta.

Objetivo:

Imagens:



Relato da profe:

Concordamos com Antunes (2010) quando ele diz que se o grupo é capaz de construir peças musicais e é capaz de simbolizar o resultado numa notação musical por ele inventada; e se inversamente ele pode, de maneira coletiva, criar partituras, compor e executar com seus instrumentos ou objetos tais partituras, estará alcançada a meta almejada, pois toda esta atividade é parcela da inteligência humana, é educação, é socialização.

Antunes (1995) chama a atenção sobre a sensibilidade de entender o momento certo para orientar o processo criativo à criança:

Críticas nunca deveriam ser feitas após o trabalho realizado, mas sim durante a sua realização. Enquanto a criança produz, ela cresce com o processo de criação. Deveríamos portanto orientar e ressaltar este crescimento. Não importa o resultado final, seja ele musical ou não. O que importa é o processo de pensamento que se torna operativo quando a criança enfrenta problemas.

Para Paynter (apud FREGA, 1997, p. 127),

*“a educação fracassa se não oferece ocasiões para o florescimento da personalidade e desenvolvimento da imaginação [...]. A educação pode transformar-se em um processo que abarque a totalidade da vida, oferecendo ao indivíduo não só confiança em suas atitudes adquiridas e inatas, como também na aventura da exploração: ver as coisas com novos olhos, descobrir novos horizontes, assim como novos campos para experimentar”*

Quando o repertório não abarca alguma música entre suas preferências pessoais, percebemos que alguns alunos sentem-se menos motivados para o estudo e a dedicação com o instrumento. Na atuação como educadoras musicais, deparamo-nos com alunos em diferentes níveis de desenvolvimento musical, com maior ou menor dificuldade de aprender um instrumento, e temos em comum o interesse por uma aula de música dinâmica e prazerosa, na qual as atividades sejam permeadas por ações criativas.

Atividade 7: Tocando a música que eu mais gosto!

Proposta: Tocar um arranjo criado pelo compositor Jean Presser de um pouporri de funks apreciados pelos alunos.

Objetivo: Ampliar a leitura e as notas conhecidas pelos alunos através de repertório novo. Oportunizar um momento de performance sem preocupação com a partitura e demonstrar que qualquer música pode ser executada na flauta doce. Incentivar que toquem música de ouvido.

Relato da profe: *“Todas as vozes eram importantes para o arranjo do pouporri. Aqueles que não conseguiram tocar uma voz inteira até as apresentações, tocaram a percussão, também importantíssima para a execução de um funk. A peça era longa, o que tornou a partitura indispensável, fazendo que os alunos procurassem por ela para estudar. Uns alunos ajudaram os outros para que juntos pudessem ouvir o arranjo pronto. Nas apresentações, o público recebe o arranjo com muito entusiasmo por ser um repertório ‘inesperado’ para um grupo de flautistas”.*

É importante articular esses saberes e práticas de forma sistêmica, buscando a construção de uma metodologia de educação musical conectada a novos princípios de ensino de música: “fundamentalmente, cabe ao educador musical uma abordagem que privilegie a diversidade em música, fomentando a criação, apreciação e performance musical de um repertório variado, sem preconceitos” (CUERVO, 2009, p. 76).

### **Aula de flauta doce é aula de música**

Há três princípios gerais para o ensino de instrumento sugeridos por Swanwick (2008):

1) É preciso ter música na aula de instrumento, o que, segundo o autor, significa “satisfação e controle da matéria, consciência de expressão, e quando possível, o prazer estético da boa forma” (SWANWICK, 2008, p. 11);

2) Priorizar a fluência intuitiva baseada na audição, trabalhada anteriormente à escrita e leitura analíticas. Para o autor, a consciência auditiva é a base, o verdadeiro fundamento musical e também ápice do conhecimento musical;

3) Perceber o momento de avançar e esperar, entendendo que os alunos saberão discernir o que vale a pena estudar. Professores e alunos precisam sentir que suas ações contribuem para a sustentação da consciência humana (SWANWICK, 2008, p. 11).

Pedrini (2008) enfatiza seus princípios educacionais defendidos na aula de música, esclarecendo que possui como objetivos promover o desenvolvimento musical dos alunos, por meio da execução de repertório escolhido por eles. Também se preocupa em propiciar a experimentação, reflexão, criação e execução de arranjos coletivos, a fim de “desenvolver a prática da apreciação musical, buscando pontos para futura composição, integrar alunos de diferentes níveis na prática do instrumento para juntos executarem o repertório e socializar os arranjos e as composições dos grupos”. A partir desse relato, podemos inferir que a construção do repertório parte de um conjunto de fatores, dos quais elencamos os seguintes:



Fluxograma 2 - construção do repertório (Cuervo e Pedrini)

Pedrini (2008) percebeu que “O repertório oferecido pelos professores normalmente é distante do mundo do aluno, o que também faz com que se desinteresse pelas aulas de música ou pelo ensino de instrumentos musicais”. Portanto, acreditamos que estratégias que valorizem peças apreciadas pelos alunos em outros contextos (especialmente familiar e fora da escola), aliadas ao fomento da escuta de outros tipos de música, nunca antes ouvidas, corroboram na formação global do sujeito, reforçando suas vivências e

ampliando as possibilidades de interação e criação inspirados em diversos estilos musicais.

O que constatamos é que o repertório possui papel estruturante no planejamento pedagógico musical, e que precisamos construir uma relação equilibrada entre as preferências musicais dos alunos e a ampliação dessas preferências através da ludicidade e do estudo dinâmico, potencializado pelas possibilidades que a música contemporânea também pode oferecer.

Antunes (1995, p. 53) questiona:

*“Por acaso é necessário, para o jovem, conhecer a linguagem musical do passado, para depois ser iniciado na linguagem musical do presente?”*

Como forma de ampliar o repertório dos alunos e proporcionar a escuta de peças desconhecidas do grande grupo selecionamos peças do repertório erudito contemporâneo, começando com compositores da nossa região, neste caso relatado, colegas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### **Conclusão**

De forma alguma se esgotam aqui ideias para uma aula de música que utilize a flauta doce como instrumento potencialmente rico em projetos de educação musical. Por motivos de tempo e espaço, mesmo os trabalhos aqui apresentados são recortes de nossas atividades, e não representam sequer a maior parte delas. Compartilhamos com o leitor parte de experiências gratificantes e instigantes, que demonstraram retorno por parte dos alunos, especialmente no aspecto do desenvolvimento da musicalidade e fortalecimento da auto-estima e integração sociocultural, que são alguns dos elementos que norteiam nossos trabalhos.

Acreditamos também que a postura aberta e receptiva do educador musical é fundamental não somente na sala de aula da Educação Básica ou em qualquer contexto educacional, mas inclui também o nosso próprio

processo de estudo, qualificação permanente, espírito investigativo. Como as belas palavras de Freire (2002, p. 32),

“*Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade*”.

## **Quem procura acha: dicas!**

### **Sobre a flauta doce**

Este, que é o instrumento musical mais antigo da humanidade, pode ter seu histórico conferido no site: <http://www.aflauta.com.br/recorder/histdoce01.html> organizado por Hécio Mühler.

BEINEKE, Viviane. O Ensino de Flauta Doce na Educação Fundamental. In: Hentschke, Liane; Del Ben, Luciana. (Org.). *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 83-100.

CUERVO, Luciane da Costa. *Musicalidade na performance com a Flauta Doce*. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Faculdade de Educação, PPGEDU, Porto Alegre, 2009.

### **Sobre criatividade e música contemporânea na educação musical**

ANTUNES, Jorge. *Criatividade na Escola e Música Contemporânea*. In: Cadernos de Estudos: Educação Musical 1. São Paulo: Atravez, 1990. p. 53-61. Disponível em: [http://www.atravez.org.br/ceem\\_1/criatividade\\_escola.htm](http://www.atravez.org.br/ceem_1/criatividade_escola.htm)

CUERVO, Luciane. *Música Contemporânea para Flauta Doce: um diálogo entre educação musical, composição e interpretação*. In: XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM). Salvador – 2008.

KATER, Carlos *As necessidades de uma educação musical criativa hoje*. Disponível em: <http://carloskater.com/?p=98>. Acesso em: 12 de janeiro de 2010.

MARTINS, Áurea. *Composição Musical na Escola: Experiências no universo contemporâneo e tecnológico*. Revista Nova Escola (Editora Abril) – Projeto vencedor do Prêmio Victor Civita “Educador Nota 10”. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/premiovc/2009/audrea.shtml> Acesso em: 15 de Dez. 2009.

SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Unesp, 1997. 1a. Ed. 1977.

### **Músicas para flauta doce (execução e apreciação)**

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sergio. *Lenga La Lenga*. Florianópolis: Ciranda Cultural, 2006.

CD *Octoeólio* – Os Oito Ventos do Brasil Meridional. São Leopoldo: Independente, 2006. Produzido por Luciane Cuervo. Obras de Lacerda, Mattos, Adami, Heuser, entre outros.

CD *Círculo Mágico*, de Cléa Galhano. USA, 2000. Obras de Villa-Lobos, Havens, Azevedo, entre outros.

CD *Sonetos de Amor e Morte*, de Luciane Cuervo. Porto Alegre: FUMPROARTE, 2002. Obras de Kiefer, Cervo, Adami, Meletti, entre outros.

CD *Sonoridades doces para sensibilidades tranqüilas*, do CompassoLivre. Curitiba, 2005.

CD *La Marca*, do Quarteto de Flautas Doces Quinta Essência. Para ouvir trechos: <http://www.quintaessentia.com.br/lamarca/presskit.html>

Vídeos: no Youtube encontra-se inúmeras possibilidades de vídeos. Destacamos alguns que os alunos costumam gostar muito:

Gravação do *Amsterdam Loecki Stardust*, talvez o mais importante grupo de flauta doce em atividade. <http://www.youtube.com/watch?v=4Lb-YWW8rGo>

Clip de *Red Priest*, numa interpretação personalíssima das Quatro Estações de Vivaldi. <http://www.youtube.com/watch?v=myc5lIEbf74&feature=related>

*Sonoridades brasileiras*. Método para Flauta Doce, de Sasse, Weiland e Weichsebaum. Curitiba, 2008.

### **Sobre variadas formas de notação musical**

BEINEKE, Viviane; MAFFIOLETTI, Leda de A. “Olha como eu escrevi a música”: um pequeno ensaio sobre as diversas escritas musicais da criança. In: *Coleção Cotidiano Escolar*: o ensino de artes e educação física na infância, Natal, V.1. nº1, 2005, p.36-42.

FRANÇA, Cecília C. *Para Fazer música*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Livro-CD.

SOUZA, Jusamara. Sobre as múltiplas formas de ler e escrever música. In: *Ler e escrever, compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: UFRGS, 2006 (4ª ed.).

### **Referências**

ANTUNES, Jorge. Criatividade na Escola e Música Contemporânea. In: *Cadernos de Estudos: Educação Musical* 1. São Paulo: Atravez, 1990. p. 53-61. Disponível em: [http://www.atravez.org.br/ceem\\_1/criatividade\\_escola.htm](http://www.atravez.org.br/ceem_1/criatividade_escola.htm)

ANTUNES, Jorge. *O novo discurso musical que dá asas à criação*. Anales del VIII Encontro Anual da Anppom, 1995. Disponível em: <http://www.latinoamerica-musica.net/puntos/antunes/discurso-po.html> .

BEINEKE, Viviane. A composição em sala de aula: como ouvir a música que as crianças fazem? In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara. *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003a.

BEINEKE, Viviane. A flauta doce na sala de aula. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003b.

CUERVO, Luciane da Costa. *Musicalidade na performance com a Flauta Doce*. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, PPGEDU, Porto Alegre, 2009.

CUERVO, Luciane; MAFFIOLETTI, Leda de A. Musicalidade na Performance: uma investigação entre estudantes de instrumento. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, 25-43, mar, 2009.

FREGA, Ana Lúcia. *Metodologia Comparada de la Educación Musical*. Tese de Doutorado em Música, menção Educação. Buenos Aires: CIEM (Centro de Investigación Educativa Musical), Colegium Musicum de Buenos Aires, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Vanda. *Currículos, apreciação musical e cultura brasileira*. Encontro Regional da ABEM SUL, UDESC, 2000. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/Revista\\_Arte\\_Online/abemsul/artigo17.html](http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/abemsul/artigo17.html) . Acesso em: 5 Mar. 2009.

HALLAM, Susan. Musicality (Cap. 5). In: McPHERSON, GARY E. (Org.). *The Child as Musician: A handbook of musical development*. Nova York: Oxford University Press, 2006. p. 93-110.

KATER, Carlos *As necessidades de uma educação musical criativa hoje*. <http://carloskater.com/?p=98>

KATER, Carlos. *A música pela raiz*. <http://carloskater.com/?p=114>

NARITA, Flávia. Criação musical e cultura infantil: possibilidades e limites no ensino e aprendizagem da música. In: *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais* — maio 2008. São Paulo: USP, 2008.

PEDRINI, Juliana. Orquestra de Flautas Doces do Colégio de Aplicação da UFRGS. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, XVII, 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos* (CD). São Paulo: UNESP, 2008.

SILVA, Bruno J. C. *Iniciação musical infanto-juvenil com flauta doce e prática de conjunto em dois estudos de caso: “Flautistas da Pro Arte” e “Projeto Bem-Me-Quer Paquetá”*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SLOBODA, John. *A Mente Musical: A psicologia definitiva da música*. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2008.

STORI, Regina. *A Flauta Doce no Ensino Superior: Um Relato de Experiência*. In: Simpósio Acadêmico de Flauta Doce, I, 2008, Curitiba. Relato de Experiência, Anais (no prelo). Curitiba: Escola de Belas Artes do Paraná, 2008.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

SWANWICK, Keith. *Ensino instrumental enquanto ensino de música*. Trad. de Fausto Borém de Oliveira e Revisão de Maria Betânia Parizzi. Disponível em: [http://www.atravez.org.br/ceem\\_4\\_5/ensino\\_instrumental.htm](http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm) Acesso em 09 dez. 2008.

## **AS AUTORAS:**

### **LUCIANE CUERVO**

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou a pesquisa intitulada "Musicalidade na Performance com a Flauta doce" com financiamento do CNPq. Bacharel em Música pela UFRGS. Docente no Departamento de Música da UFRGS, nas modalidades presencial e à distância. Gravou, como intérprete e produtora, os CDs *Sonetos de Amor e Morte*, *Octoeólio*, *A Criança no mundo da música*, entre outros. Integra o EDUCAMUS - Grupo de Estudos e Pesquisa em Música e Educação do PPGEDU/UFRGS e o Grupo de Pesquisa em Educação Popular e Movimentos Sociais "Brava Gente".

### **JULIANA RIGON PEDRINI**

Licenciada em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialista em Transtornos do Desenvolvimento (Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS). Professora do Colégio de Aplicação da UFRGS, no Departamento de Expressão e Movimento, e coordenadora da Área de Educação Musical. Atua na Educação Básica, Ensino Técnico e Formação de Professores. Realiza orientação de bolsistas, estagiários e monitores graduandos de Música e outros cursos. Coordenadora dos Projetos de Extensão Orquestra de Flautas Doces, Coro e Conjunto Instrumental do Colégio de Aplicação da UFRGS. É membro do Grupo de Pesquisa EDUCAMUS (PPGEDU/UFRGS).